

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

CILENE FRANCO DE SOUSA

**A VIVÊNCIA DOS APELIDOS RACISTAS EM UMA ESCOLA DE BELO  
HORIZONTE**

Belo Horizonte

2015

**CILENE FRANCO DE SOUSA**

**A VIVÊNCIA DOS APELIDOS RACISTAS EM UMA ESCOLA DE BELO  
HORIZONTE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Rodrigo Ednilson de Jesus

Belo Horizonte

2015

CILENE FRANCO DE SOUSA

**A VIVÊNCIA DOS APELIDOS RACISTAS EM UMA ESCOLA DE BELO  
HORIZONTE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Rodrigo Ednilson de Jesus

Aprovado em 9 de maio de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Rodrigo Ednilson de Jesus – Faculdade de Educação da UFMG

---

Andreia Rosalino – Faculdade de Educação da UFMG

## RESUMO

Parte integrante do Curso Educação, Diversidade e Relações Étnico-raciais e de Gênero ofertado pelo LASEB, este trabalho enfoca a questão dos apelidos racistas em uma escola de Belo Horizonte, localizada na Regional Venda Nova. Para este trabalho foram considerados dados de grupos de estudantes do 9º ano. Foi estabelecido um cronograma de atividades que incluiu, entre outros, rodas de conversa, aplicação de questionários, realização de uma feira de cultura afro, exposição de filmes e documentários. Tudo com o intuito de se trabalhar situações envolvendo racismo, preconceito e discriminação racial. Buscou-se também exploração de bibliografias várias para evidenciar o conhecimento e a valorização do negro e do Continente Africano, com o objetivo de desconstruir uma visão eurocêntrica presente em nossa sociedade. Foi possível perceber, através das discussões e análises feitas, o quanto ainda precisa-se avançar na implantação da Lei 10.639/ 2003. É uma Lei ainda desconhecida por boa parte da comunidade escolar. E ainda, ficou evidenciado o quanto estas discussões, trazidas para o contexto da sala de aula, colaboram para tornar nossos alunos mais críticos e conscientes de seu pertencimento racial.

**Palavras-chave:** Apelidos racistas, preconceito, discriminação racial, racismo

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1.INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>6</b>  |
| <b>2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA .....</b>                               | <b>8</b>  |
| 2.1 Comunidade Escolar.....  | 9         |
| 2.1.1 Caracterização dos alunos que participaram do Plano de Ação..... | 11        |
| <b>3.OBJETIVOS GERAIS.....</b>   | <b>12</b> |
| 3.1 Objetivos Específicos.....   | 12        |
| <b>4. REVISÃO DA LITERATURA.....</b>                                   | <b>13</b> |
| <b>5.METODOLOGIA.....</b>  | <b>23</b> |
| <b>6. RESULTADOS.....</b>  | <b>30</b> |
| 6.1 Das respostas dadas aos questionários propostos.....               | 31        |
| 6.2 Inserção do negro na mídia.....                                    | 31        |
| 6.3 O Mito da Democracia Racial.....                                   | 32        |
| 6.4 Conhecer para valorizar.....                                       | 33        |
| 6.5 Discussão a partir dos painéis pintados pela escola.....           | 35        |
| <b>7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>                      | <b>38</b> |
| <b>8. CONCLUSÃO.....</b>   | <b>41</b> |
| <b>9.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                               | <b>43</b> |

# 1- INTRODUÇÃO

A elaboração deste trabalho tem como objetivo propiciar a discussão de questões relacionadas ao preconceito racial associado a apelidos, piadas e brincadeiras racistas que permeiam o cotidiano de uma escola pública de Belo Horizonte. Entendendo que estudar, esclarecer e orientar a respeito do racismo, do preconceito racial, da discriminação contribuirá para tornar os estudantes mais críticos a respeito desses temas e mais condescendentes em relação à diversidade.

Em boa parte do meu tempo, como professora, e também como estudante vivenciei “brincadeiras” envolvendo apelidos com conotação racista. Não só no contexto escolar, mas também em minha casa, junto à minha família. Sou fruto da união de mãe branca e pai negro. Logo, eu e meus irmãos somos miscigenados. Sendo, dentre os irmãos, a de pele mais escura, apelidos como “macaca”, “nega preta”, “nega beijuda”, “cabelo seco”, “sarará crioula” fizeram parte de meu cotidiano por muito tempo e me marcaram a existência. As brigas em casa, sempre terminavam com dor, que não era só física. A oportunidade de trabalhar esses temas, agora na fase adulta, é muito boa. Contudo, se tivessem sido trabalhados, especialmente na escola e em casa no período em que era mais contundente tudo isso, teria me tornado uma adulta diferente, com muito mais orgulho de mim mesma, da minha cor, do meu cabelo, da minha origem étnica. Esse conhecimento e orgulho de minha cor e origem só veio a partir do tempo na universidade. Com 24 anos, recebi meu primeiro elogio considerando minha cor, minha etnia: “*Você é uma negra muito bonita*” disse uma militante do Movimento Negro, em uma palestra no primeiro período da faculdade. Assustei-me com essa fala, pois até então jamais havia pensado em “uma beleza negra”. Meus padrões de beleza estavam relacionados ao branco. Foi, então, a partir daí que passei a estudar mais a História do Negro em nossa sociedade, e percebi o quanto o discurso do branqueamento<sup>1</sup> estava forte em mim e o quanto seria difícil desfazer-me dele.

É necessário discutir e, sobretudo não aceitar o preconceito e o racismo. Buscar a valorização do negro em nossa sociedade significa conhecer sua história de lutas e conquistas. Que esse trabalho permita aos meus jovens alunos(as), que passam por

---

<sup>1</sup> Bento( 2002) afirma que, “no Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais”.

situações de desrespeito em relação a sua cor ou a seu tipo de cabelo, outra visão a respeito de seu pertencimento racial, que os leve a maior aceitação de si mesmos.

Visando tais objetivos, criou-se o chamado Plano de Ação que favoreceu o desenvolvimento deste trabalho, que é parte integrante do curso de Pós- Graduação especialização *Latu Sensu* em Diversidade Educação e Relações Étnico- Raciais e de gênero, ofertado pelo LASEB-UFMG - Programa da Secretaria Municipal de Educação, em parceria com Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, que tem como propósito atender à formação continuada de professores da Educação Básica.

A elaboração desse Plano de Ação foi feita com o auxílio do Professor Orientador. Como parte desse Plano foi estabelecido um cronograma de atividades dentro da escola, o que favoreceu o desenvolvimento do tema supracitado. Foram discutidos assuntos relativos ao racismo no Brasil, o negro em nossa sociedade, o desrespeito às chamadas minorias, a relação mídia/negro, a necessidade da valorização desse grupo racial, bem como os sentimentos evidenciados pelos alunos ao longo das ações trabalhadas.

A necessidade da aplicação desse trabalho surgiu da observação do comportamento de alguns alunos do Ensino Fundamental, que praticam a discriminação racial a colegas negros e brancos. Isso se dá a partir de piadas e apelidos de cunho racista, às chamadas “brincadeiras sem importância”. Ao mesmo tempo se observa também, a baixa autoestima, especialmente dos alunos negros, na forma de se posicionarem quando os temas são voltados para o negro ou para o Continente Africano. Normalmente pouco se manifestam apresentando-se tímidos para tratar o tema, possivelmente por aí se reconhecerem em uma suposta desvantagem em relação aos colegas brancos.

Buscou-se então, primeiro, ouvi-los através das rodas de conversas, diálogos sobre o tema, esclarecimentos através de leituras variadas como as da coleção “África em Nós”, trabalhos em grupos, exibição de filmes e outros. E por fim, a conclusão a respeito destas observações.

Renato Emerson dos Santos (2007) destaca a importância da educação escolar na superação das desigualdades raciais e do racismo. Ressalta ainda:

O ambiente escolar é um dos principais ambientes de socialização, interferindo decisivamente na formação de personalidades, visões de mundo e dos códigos comportamentais que orientam a forma como o indivíduo se percebe/posiciona no mundo – como ele vê o mundo e aprende a transitar, a se movimentar nele. (SANTOS, 2007, p. 24-25)

Outros autores mencionam também em suas pesquisas, a necessidade de se trabalhar estes temas no contexto escolar, especialmente considerando a Lei 10.639/2003 que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos Africanos no currículo do Ensino Fundamental e Médio.



## **2- Caracterização da escola**

O Plano de Ação foi realizado em uma escola da rede Municipal de Belo Horizonte, localizada à Rua Geraldo Ilídio Teixeira, nº 283, Bairro Mantiqueira. Foi construída no ano de 1996. É uma escola Pública, dotada de boa infraestrutura, com espaço para 15 salas de aulas, Biblioteca, laboratório de informática e sala de vídeo.

O prédio onde funciona a EMAZ está bem conservado, sem pichações, com jardins bem cuidados e aparência acolhedora. De porte pequeno/médio, está localizado no limite entre os municípios de Belo Horizonte e Ribeirão das Neves – Região norte de Belo Horizonte. O Bairro apresenta-se como um lugar violento, com várias vilas e favelas. A violência é intensa, com muitas situações envolvendo o tráfico de drogas. Os professores desta escola recebem o chamado abono de permanência, visando diminuir as faltas. Muitos alunos vivem em meio a tiroteios constantes. O entorno do bairro tem apresentado algum crescimento, especialmente no tocante ao comércio. Faltam escolas, especialmente de Ensino Médio, o que leva alguns alunos a ter que se deslocar de seu bairro para continuar os estudos. A Escola atende ao ciclo Fundamental e EJA nos turnos manhã, tarde e noite, sendo bastante organizada.

## **2.1. A comunidade escolar**

Para melhor compreensão do trabalho, segue um breve relato considerando a comunidade escolar, onde foi efetuado o plano de ação.

Atuantes em diversas áreas ou disciplinas, Os professores trabalham no 2º ou 3º ciclo. São os chamados formadores de opinião, que em dado momento são agentes que esclarecem, ensinam, orientam e ao mesmo tempo apresentam-se omissos em determinados casos. Muitas vezes, atuam sozinhos em suas salas de aula, sem o apoio de outros segmentos da escola. Classe bastante desvalorizada, no tocante ao respeito e às questões salariais. Quanto aos alunos, pertencem ao 3º ciclo, com idade variando entre 11 e 15 anos, estudam, em sua maioria, na escola desde os anos iniciais. Em relação aos funcionários, a maioria é negra, trabalham na escola há vários anos. São alegres, afetuosos, normalmente bem humorados. Tem filhos, que muitas vezes estudam na escola Normalmente estes funcionários trabalham para ajudar no sustento da família. Os Pais dos alunos pouco comparecem à escola, especialmente os pais daqueles alunos com mais dificuldade, no tocante à disciplina e aprendizado. Normalmente trabalham durante todo o dia. Os filhos ficam em casa sozinhos (quando não estão na escola). Quando convocados pela escola, passam ali rapidamente, quase sempre pensando na necessidade de retornarem rápido ao trabalho ou a casa (se não trabalham fora) para cuidar dos filhos menores. A participação dos pais é mais visível quando das festas escolares “Festa da família”, “Festa Junina”, “Festa das mães”. O convite para estas festas é feito antecipadamente, indicando dia, local e a restrição ao número de convidados, uma vez que o espaço não comporta um número grande de pessoas.

### **2.1.1- Caracterização dos alunos que participaram do plano de ação**

Os alunos participantes desse plano de ação pertencem a 3 turmas do 9º ano, a maioria em idade regular para a série cursada, estando então, por volta dos 14/ 15 anos. São alegres e afetuosos especialmente com o grupo de professores. A maioria está na escola desde a infância e demonstra realmente gostar deste espaço. Na maior parte das vezes atendem as solicitações dos professores, coordenadores e direção, quando chamados atenção. Alguns alunos são bastante estudiosos, outros nem tanto. Normalmente não tem o hábito de estudar em casa. Os pais trabalham o dia inteiro e os filhos, ou ficam em casa sem acompanhamento, ou fazem parte da chamada “Escola Integrada”, ficando na escola praticamente todo o dia. Reside, em sua maioria, próximo à escola não necessitando de transporte para o deslocamento.

A Região Norte de Belo Horizonte onde moram, é considerada bastante violenta. Na região são comuns as vilas e favelas. Os alunos relatam situações de violência bem próximas às suas residências e dizem já estar acostumados com essa situação. Muitos alunos são negros e pardos.

Uma das turmas mostrou-se mais propensa às discussões a respeito do tema. Participou com entusiasmo de todas as etapas. É uma turma com a qual trabalho há mais tempo e com grande ligação afetiva. As outras turmas mostraram-se mais reticentes, talvez pelo pouco tempo de convivência. E ainda por apresentar também bastante dificuldade na leitura e escrita. Observa-se que quando os laços são mais estreitos entre professor e aluno consegue-se vislumbrar melhor os sentidos e percepções que eles (as) trazem. A maior parte dos alunos segue as regras estabelecidas para o bom funcionamento da escola. Apresenta-se uniformizada, não picha as carteiras. Diz gostar muito da escola e normalmente, depois de concluir o Ensino Fundamental, retorna à escola para relembrar o espaço e rever os professores.

### **3- Objetivos gerais**

Para efetivação desse trabalho, deseja-se discutir e, dentro do possível, combater atitudes como apelidos, piadas e “brincadeiras” racistas no cotidiano de uma escola da rede pública de Belo Horizonte. Também se faz necessário buscar formas de se pensar a valorização do negro e de sua história, como estratégia para melhorar a autoestima desses alunos e promover o respeito às diferenças.

#### **3.1- Objetivos Específicos**

- Realizar debates para discussão do tema, assim como levantar dados utilizando questionários para verificação de ocorrências racistas na escola;

-Propor seminários para discussão de temas relacionados à discriminação e racismo, buscando rever práticas e posturas considerando a Lei 10.639/03 como forma de compreender a África como berço da humanidade e da civilização.

-Discutir a visão dos alunos em relação à história do negro e do Continente Africano, propondo aula expositiva e aulas práticas como a análise de revistas e outras mídias onde se observa preconceito racial;

-Utilizar o kit de livros “A África está em nós” de Roberto Benjamim, volumes 1, 2,3 e 4 bem como o kit de Cultura Afro, para discutir temas relativos à África e ao racismo, propondo uma ação interdisciplinar.

## 4 - Revisão da Literatura

A situação-problema, objeto de meu plano de ação, relaciona-se aos apelidos, “brincadeiras”, piadas e outras referências, normalmente depreciativas em relação aos alunos negros, em uma demonstração de racismo no espaço escolar. Dessa forma, compreender o significado de alguns termos favorecerá um melhor entendimento do problema que se quer evidenciar.

Compreendendo racismo como:

Toda teoria que leve a admitir nos grupos raciais ou étnicos qualquer superioridade ou inferioridade capaz de atribuir a alguns o direito de dominar ou eliminar outros, pretensamente inferiores, e que leve a fundamentar julgamentos de valor em qualquer diferença racial, (bem como) as ideologias racistas, as atitudes fundadas em preconceitos raciais, os comportamentos discriminatórios, as disposições estruturais e práticas institucionalizadas que provoquem desigualdade racial bem como a ideia falaciosa de que as relações discriminatórias entre grupos justificavam-se moral e cientificamente. (UNESCO, 1978)

Considerando o que a UNESCO enfoca, pode se observar, no espaço escolar, onde atuo como professora do 3º ciclo do Ensino Fundamental há 14 anos, certa animosidade em relação às pessoas que apresentam um pertencimento racial associado à cor da pele, ao tipo de nariz ou cabelo. Essa animosidade é vislumbrada nos momentos de briga e/ou discussão ou ainda em determinadas “brincadeiras” entre colegas onde aparece o uso de termos ou falas pejorativas, como “macaco(a)”, “esse veio da África!”, “não vou fazer trabalho com ele porque ele é preto”! “Tá falando assim comigo porque sou preto, professora?”.

Estas falas recorrentes tornam claras, neste espaço, a não valorização do negro. Sempre situam o sujeito negro como inferior. É como se estivesse estabelecido que determinado pertencimento racial devesse ser aceito e louvado, enquanto outro, rechaçado. Observa-se também o racismo velado em determinados grupos que não dizem apelidos racistas, mas não se relacionam com alunos negros ou alunas negras. Santos( 2007) cita em seu texto as chamadas “regiões de fachada” e “regiões de fundo”. “ Isso implica a assunção de que os corpos, os *habitus*, os códigos culturais dos indivíduos são permitidos ou não dependendo do lugar” (...) ( p. 33).

Quando se tem discussões a respeito do racismo em sala de aula, os alunos negros não se manifestam. É como se tivessem vergonha de serem negros, ou de representar um grupo que sempre se apresenta discriminado. Não é com orgulho que se fala sobre o “ser negro”, tendo, inclusive, que alguns negros não se reconhecem negros: Uma aluna mencionou: “*Não sou negra, sou morena*”, dando a entender que pertencer a esse grupo racial significa admitir-se inferior. Muitas vezes, essas falas são comedidas diante dos professores, contudo, nas rodas de conversas realizadas, os alunos afirmaram que as tais “brincadeiras” ocorrem especialmente no horário do recreio.

Observa-se também no espaço escolar que a maioria dos alunos negros apresenta um desempenho ruim em relação aos colegas brancos. Os diários escolares evidenciam isto, ao informar sobre o rendimento dos mesmos (em uma análise de suas notas em diversas disciplinas), bem como a parte referente a “atitudes e valores”. Pouco participativos, normalmente, não perguntam, não esclarecem suas dúvidas. No momento da apresentação de trabalhos são bastante tímidos ao falar para a turma. Isso pode ser provocado por um sentimento de inferioridade, um receio de errar, de ser criticado. Muitas vezes, nesses momentos gostam de “zoar”, como dizem, até para talvez desviar a atenção de discussões que os possam constranger. Poucos são os alunos negros que apresentam desenvoltura no momento de se posicionarem em relação a determinado tema. Os professores, de maneira geral, muitas vezes reforçam esse comportamento ao nomear esses alunos como “bagunceiros” ou aqueles que “não querem estudar e com isso não deixam os outros estudarem”. São estes alunos que estão nas turmas taxadas como mais difíceis, que JESUS (2009) vai chamar de “guetificação intra-escolar” (p.17). Colocados então, nessa posição hierárquica mais baixa, esses alunos parecem interiorizar essa identidade. Esse mesmo autor, em seu ensaio intitulado “Ponha-se em seu lugar” discute estas e outras questões, dizendo que desde o fenômeno da “explosão escolar” onde se assinala a democratização do acesso à escola, surge a chamada “escola para todos”. Contudo, com o neoliberalismo e com a consequente proliferação das escolas particulares, os alunos de classe média e alta destas escolas, passam a ocupar as escolas particulares. A “escola para todos” torna-se então, a “escola dos pobres”, constituída por alunos vindos de famílias “desestruturadas”, “com baixo nível sócio-econômico e de baixo nível de escolaridade”, “Filhos ou netos daqueles que tiveram cerceado o seu direito à escolarização formal” (p. 17). Ressalta ainda, que a questão socioeconômica e o pertencimento racial favorecem uma hierarquização dentro da

escola. O percentual de alunos negros ( pretos e pardos) é maior nessas turmas chamadas de mais difíceis, onde se observa uma “distinção cromática” ( p. 17) entre elas.

Verifica-se que o racismo e o preconceito não colaboram para a formação da identidade dos alunos. Na verdade destrói essa identidade. GOMES( 2005) vai dizer que a identidade é construída na relação com os outros:

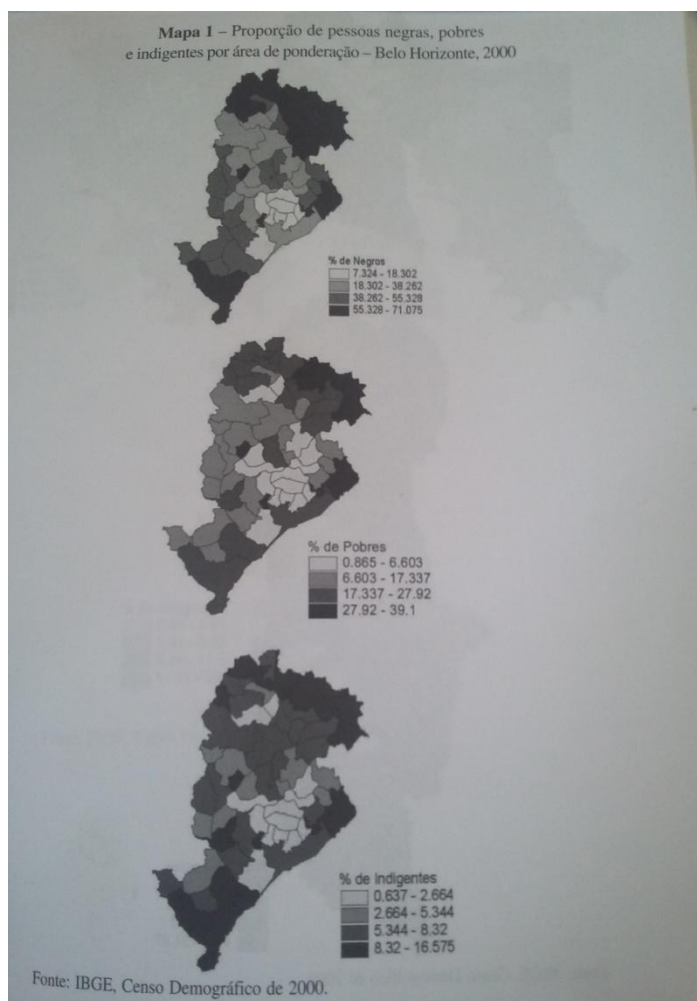
A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana. ( GOMES, 2005 p.41)

Muito se tem escrito e discutido sobre a situação do negro, bem como do preconceito racial. Esse “ Julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo”(GOMES, 2005 p.54) precisa continuar a ser discutido nos diversos campos e setores a fim de que seja repensado.

Inúmeros dados indicam a discriminação racial e social vivenciada todos os dias pela população negra. Os negros são ainda aqueles que são maioria nas vilas e favelas (geograficamente confinados à periferia). SANTOS ( 2007) relata o seguinte:

Tomando como exemplo a cidade de Belo Horizonte(...), observa-se que a região centro-sul, cujo nível de renda é mais alto, possui a menor proporção de negros ( menos de 18,3%). Por outro lado, as regiões periféricas no norte, como Isidoro Norte e Capitão Eduardo, que se caracterizam por serem regiões mais pobres, possuem maior concentração de negros. Destaca-se também alguns pontos da região central com a maior proporção de negros e pobres, que são sabidamente regiões de favelas, como Morro das Pedras, que possui o maior número de indigentes ( 16,57%) e com uma população negra de 63,59%. (p. 92)

**FIGURA 1:** Negros confinados à periferia de Belo Horizonte



Fonte: Santos(2007)

São ainda os que recebem salários mais baixos, ainda que exercendo a mesma função que o branco ( segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE os brancos e amarelos ganham 2,4 vezes mais que os negros). São aqueles que menos acesso tem a cursos superiores ( e mais acesso aos presídios), os menos valorizados pela mídia escrita e televisiva.



Ainda considerando dados do IBGE recenseados em 2010, temos que, entre 25 e 27% da população negra na faixa etária acima dos 15 anos é analfabeta e que no Brasil são 16,2 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza e destes 70,8% são negras.

É fato também que pretos e pardos (segundo a classificação racial dada pelo IBGE) morrem mais cedo devido a estas condições precárias de vida.

Discutindo as expressões espaciais das relações raciais, Santos (2007) estabelece que o racismo como fator de discriminação, é mecanismo que favorece a concentração de riquezas, algo tão comum no Brasil, uma vez que impede ou dificulta o acesso à parte significativa da força de trabalho nacional às riquezas produzidas no país. Impede o acesso ao emprego e educação.

Gomes (2005) reforça o argumento de Santos (2007) ao enfatizar que “a forma institucional do racismo(...) implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos.”(GOMES, 2005 p. 53).

Jesus e Reis no artigo Juventude e Diversidade Étnico-racial – módulo 5 expõem que:

(...)” as práticas de hierarquização, a partir da crença na existência de raças superiores e inferiores ( intelectual, cultural e socialmente) foram instituídas enquanto prática social e são cotidianamente atualizadas. E é exatamente a perpetuação desses imaginários sobre a suposta inferioridade da “raça” negra que tem contribuído para a produção e reprodução das desigualdades e discriminações, seja por meio da inferiorização da população negra, seja por meio de invisibilização dos fatos históricos, econômicos, culturais e políticos da sociedade brasileira”. (JESUS E REIS, 2014)

E essa suposta “inferioridade” da “raça” negra, surge no contexto da sala de aula a partir de apelidos, não os carinhosos, mas apelidos que, de acordo com Jesus e Reis (2014) servem para desqualificar, desmerecer, rebaixar as pessoas negras. E é nesse sentido, da desqualificação, que são normalmente ditos pelos alunos. Considerando que é feita a cor, ou o tipo de cabelo, nariz ou outro indicador do pertencimento racial, surgem apelidos como: “seu preto”! “cabelo de Bombril”! “macaco”!

Alguns autores como Nilma Lino Gomes, discutem a questão do corpo negro e cabelo crespo como símbolos da identidade negra, bem como os conflitos que se estabelecem,

estando em uma sociedade eminentemente racista onde a pele clara e o cabelo liso são tidos como modelo. “(...) Para o negro e a negra o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial” (GOMES, 2008, p. 7).

Mestre em Antropologia, Ananda Melo King em um artigo para o GELEDÉS<sup>2</sup> discute a ditadura do cabelo liso, onde em vários momentos, utilizam-se técnicas químicas (alisamento com hidróxido de sódio, alisamentos com guanidina, escova progressiva ) e técnicas não químicas ( escova, chapinha ) em busca de um cabelo que não seja “duro”, “difícil”, “alto” ou como diz a propaganda televisiva, “ rebeldes”. O bonito é o cabelo liso. Mudar a aparência dos cabelos, nesse sentido, é buscar ser valorizado fisicamente, atendendo ao modelo que vigora em nosso país da chamada democracia racial que busca “ encobrir os conflitos raciais” (GOMES, 2008, p. 08 ).

Outras situações que caracterizam racismo podem ser observadas quando da constituição das turmas em que os alunos que apresentam grande dificuldade de aprendizagem, defasagem de conhecimentos e pouco interesse em relação às aulas são constituídas por negros. Carvalho ( 2009) relata as dificuldades enfrentadas no momento de se avaliar os alunos e o que isso gera. Diz que uma avaliação de aprendizagem feita sem critérios, em vez de colaborar para o desenvolvimento do aluno, contribui para o seu pouco sucesso escolar. Muitos alunos pretos e pardos recebem indicações para o reforço, como bem salienta a autora, “não por problemas de aprendizagem, mas pela maior dificuldade de manifestar comportamentos considerados corretos pela escola e pela professora da classe”. ( CARVALHO, 2009 p. 860).

Muitas vezes, no espaço escolar, faltam referências à valorização dos negros. A Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o estudo da História do Negro e da temática História e Cultura Afro-Brasileira, ainda não faz parte, efetivamente, do Projeto Político Pedagógico da escola onde foi realizado o plano de ação. Percebe-se que poucos professores trabalham o tema (conforme os planejamentos anuais entregues), muitas vezes ficando, este trabalho, restrito às áreas de Geografia ou História. Muitos professores não percebem as manifestações racistas neste espaço e muito menos a

---

<sup>2</sup> Geledés \_ Instituto da Mulher Negra. Em defesa dos Direitos Humanos no combate ao racismo, sexismo, preconceito, discriminação, violência racial e violência contra a mulher.

necessidade de se trabalhar o tema. Os profissionais negros, em sua maioria, trabalham na cantina ou na limpeza da escola.

A tal chamada Democracia Racial<sup>3</sup> que impera no Brasil, ganha força também na escola, uma vez que o racismo acontece. Entretanto, é pouco ou nada discutido. Não se discute os apelidos colocados em determinados alunos por causa de sua cor, como se isso fosse apenas “brincadeira” e não uma conotação de racismo. Muitas vezes chama-se a atenção desse ou daquele aluno, sem contudo apresentar ações efetivas para esclarecer sobre racismo, preconceito ou discriminação.

Fala-se sobre o negro, apenas no dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, (esquecendo-se de muitas outras datas em nosso calendário anual que fazem referência ao povo negro) ou quando, nas disciplinas de História e Geografia, se aborda a formação do povo brasileiro, trazendo histórias de muito sofrimento vividas pelo povo negro, como retrata, normalmente o livro didático. Muitas vezes, os professores tem um programa apertado para cumprir planejamentos extensos, o que acaba dificultando a criação de projetos específicos sobre este tema.

Uma possível saída para se buscar a valorização do negro, seria realmente conhecer melhor a história desse grupo étnico, sua contribuição cultural, seja na religião, na dança, na alimentação, na língua. Inteirar-se de sua história de resistência e crescimento, bem como de sua organização social, produção intelectual, científica, tecnológica e estética.

Seria também, buscar, ainda que no pequeno contexto do espaço escolar, nas salas de aula, provocar nos alunos o desejo de conhecer, discutir, combater o racismo em todas as suas formas, propondo palestras, debates, filmes documentários, discussões que possam esclarecer, trazer à tona, tema tão pertinente e mais que isto, permitir que todos os alunos se respeitem e sejam respeitados independentemente de seu pertencimento racial.

Para concretização do que foi dito acima, muito ajudará a inserção da Lei 10639/2003 no contexto do espaço escolar, a fim de que a mesma seja realmente vivenciada em projetos a serem desenvolvidos. A promulgação desta Lei em janeiro de 2003 foi fruto

---

<sup>3</sup> Segundo Gomes( 2007): (...) “corrente ideológica que pretende negar a desigualdade entre brancos e negros no Brasil(...) afirmando que existe entre esses dois grupos raciais uma situação de igualdade”(…).

de muita luta por parte do Movimento Negro Brasileiro, buscando se discutir a situação do negro nesta sociedade. O texto da Lei diz o seguinte:

Art.26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

[...]

Art.79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

A Lei já nos tem permitido discussões importantes a respeito das desigualdades raciais no Brasil e também observar a ação do Estado no sentido de favorecer (ou não) políticas públicas que considerem a situação do negro nesta sociedade racista e preconceituosa. O setor educacional será primordial para se fazer com que a Lei seja de fato aplicada. Embora a Lei cite apenas as disciplinas História, Educação Artística e Literatura, as outras disciplinas muito têm a contribuir. A Geografia, por exemplo, pode discutir o espaço, de como as pessoas aí se posicionam. O sentido de centro e periferia. Santos (2007) afirma que “saber Geografia é saber onde você está, conhecer o mundo, mas isto serve fundamentalmente para você agir sobre este mundo, no processo de reconstrução da sociedade: se apresentar para participar.” (SANTOS, 2007, p. 27). As mudanças propostas por esta Lei possibilitarão mudanças nos currículos a fim de se rever os conteúdos escolares, bem como as relações sociais que se processam no Brasil, visando “reposicionar o negro e as relações raciais no mundo da educação”.

( SANTOS, 2007, p. 24). A educação pode se comprometer no sentido de rever suas práticas, especialmente na forma de abordagem da história no negro e da África. Durante muito tempo se reproduziu um currículo baseado no etnocentrismo onde se tem a “superioridade” de uma cultura em relação à outra. O etnocentrismo leva ao racismo uma vez que reforça a ideia de “superioridade de uma cultura em relação a outras (...) que seus valores e a sua cultura são os melhores, os mais corretos” ( Gomes, 2005, p. 53). Ainda, como papel da educação, está o implementar “ programas e projetos de reeducação das relações raciais” (JESUS E REIS, 2014).

O caminho é árduo, ao se pensar que é necessário desconstruir anos reforçando a inferioridade do negro brasileiro, e sendo o espaço escolar disseminador desses ensinamentos. Mudar posturas, reformular ideias e intenções é o caminho para se buscar a valorização dos negros e da cultura africana no Brasil. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana rever esse modelo, essas práticas e paradigmas não favorecerá apenas a população negra, mas também a branca, indígena e asiática, possibilitando a estas identificar e conhecer a história de luta e resistência desse povo, bem como suas diversas contribuições para a sociedade brasileira. Necessário também, que as instituições de ensino possam agir dentro de um espaço democrático para que o conhecimento se expanda, renovando atitudes e posicionamentos, desfazendo-se de uma mentalidade racista e preconceituosa buscando superar o etnocentrismo europeu. Investir na formação dos professores, como tem feito o LASEB, favorecerá em muito a implantação dessa Lei no contexto educacional. Ainda de acordo como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, estas práticas, não direcionadas apenas aos negros, possibilitará a interação entre esta e outras culturas, visando uma conscientização que leve à valorização de suas identidades.

Para esta etapa foi pensada uma palestra para toda a comunidade escolar, contudo, dado as várias atividades do final do ano, isto ainda não foi possível. Mas sem dúvida, permanece na pauta e de maneira urgente. A ONU ( Organizações das Nações Unidas), em seu mais recente relatório - mês de abril de 2015 - afirma que “O racismo no Brasil é “estrutural e institucionalizado” e “permeia todas as áreas da vida” (...) o “mito da

democracia racial” ainda está presente na sociedade brasileira e boa parte dela ainda “nega a existência de racismo”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Pode se ler a matéria completa em: ONU: racismo no Brasil é ‘estrutural e institucionalizado’ – Geledés  
Http:// [www.geledés.org.br](http://www.geledés.org.br)

## 5 – Metodologia

Estabeleceu-se um cronograma de atividades a ser executado nos meses de setembro a novembro de 2014, utilizando 01 aula por semana. As turmas tinham 03 aulas por semana, contudo, havia a necessidade de finalizar o programa proposto para esta etapa do ciclo, feito no início do ano escolar. Foi utilizado o espaço da sala de aula para projeção de filmes e aula expositiva, a biblioteca e a sala de informática para as pesquisas necessárias. A justificativa para esse cronograma foi tornar o trabalho mais organizado. Assim, agendar com antecedência a biblioteca ou o uso do retroprojetor, separar os materiais necessários para a aula, facilita em muito o andamento das atividades.

Foram consideradas 04 etapas para a realização do trabalho:

### A- A situação problema

Nesta etapa, foram aplicados questionários para levantamento de situações como o preconceito racial na escola, o desrespeito aos colegas, as “brincadeiras” ofensivas em relação à cor, autoclassificação dos alunos em relação à sua cor. Era necessário saber se a situação problema existia de fato. Após a leitura dos questionários aplicados, foi feito um debate para se discutir a situação evidenciada e os pontos de vista dos colegas. Ainda, para melhor compreender a temática, buscou-se analisar a inserção do negro na mídia escrita e televisiva. Para isso foram consultadas revistas como *Veja*, *Isto É*, *Caras*, escolhidas por serem revistas comuns (na mídia) às quais os alunos tem acesso na biblioteca da escola, bem como a revista *Raça*, por apresentar um perfil do negro, normalmente não apresentado pelas outras. Foi analisado também o livro didático utilizado pelos alunos. Fez-se um debate também considerando alguns filmes, comuns no cinema e televisão, onde, comumente, os papéis principais são direcionados a atores brancos. Foi necessária aula expositiva para esclarecer visões errôneas sobre o Continente Africano, como abordar a história dos negros a partir da escravidão, ou apresentar a África “exótica” como seus animais selvagens, o “safári africano” e uma África de misérias e doenças.

## **B- Ocorrências racistas**

Aqui, buscou-se discutir com as turmas o porquê dos apelidos, da depreciação em relação à cor negra, ao cabelo crespo. De que maneira se davam estas ocorrências racistas. Foram ouvidos depoimentos dos alunos que sofreram com estas manifestações e daqueles que a praticavam. Nesta etapa foram vistos os filmes “Vista minha pele”, “Kiriku e a feiticeira”, pois auxiliam na discussão sobre o racismo. O primeiro ajuda a discutir além do racismo, o preconceito racial a partir da inversão das situações sociais. Nesse filme, os negros representam a classe dominante e os brancos representam a classe que sofre opressão. O segundo é um desenho animado, com um super-herói negro, muito diferente dos heróis conhecidos por essa geração. Embora apareçam alguns super-heróis negros, a maior parte desses heróis é branca.

## **C- Rodas de conversas**

Nessa etapa, foram propostas discussões em grupo sobre o racismo em um contexto local ( a escola) e em um contexto mais amplo. “ O racismo dói” foi um dos temas trazidos para esta roda de conversas, onde se avaliou alguns estudos de caso: pessoas que sofreram com o racismo. Ouviu-se a história de alguns alunos, assim como casos de pessoas da mídia, como foi o caso recente (2014) do goleiro Aranha, em um jogo de futebol.

Aproveitando o mês de novembro, foi discutido o dia 20 de novembro, citado na Lei 10.639/2003 como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

## **D- Fechamento**

Para fechamento do plano de ação outras ações foram pensadas, destacando-se a realização de Feira de Cultura, enfocando as contribuições dos africanos para o desenvolvimento da humanidade, seus hábitos, sua cultura. Personalidades negras que se destacaram em diversas áreas. Houve ainda, uma autoavaliação feita pelos alunos, considerando até onde contribuíam para esta situação de desrespeito à diversidade étnica no contexto escolar e em nossa sociedade. Também foi feita a divulgação do acervo sobre o tema, presente na biblioteca da escola e por fim, o agendamento de uma



palestra sobre a Lei 10.639/2.003<sup>5</sup> como forma de se pensar a implantação, na escola, de um currículo que contemplasse esta temática, começando por esclarecer sobre a Lei, desconhecida, ainda, de grande parte da comunidade escolar.

Esta etapa ficou inconclusa, uma vez que o final do trimestre foi de muitas atividades, como reposição de greve, por exemplo.

**FIGURA 2:** Divulgação do acervo sobre cultura negra presente na biblioteca



Fonte: Acervo pessoal

<sup>5</sup> Tema tratado no capítulo "Revisão da Literatura", páginas 18-20.

**FIGURA 3:** Cartaz da Feira de Cultura na Escola



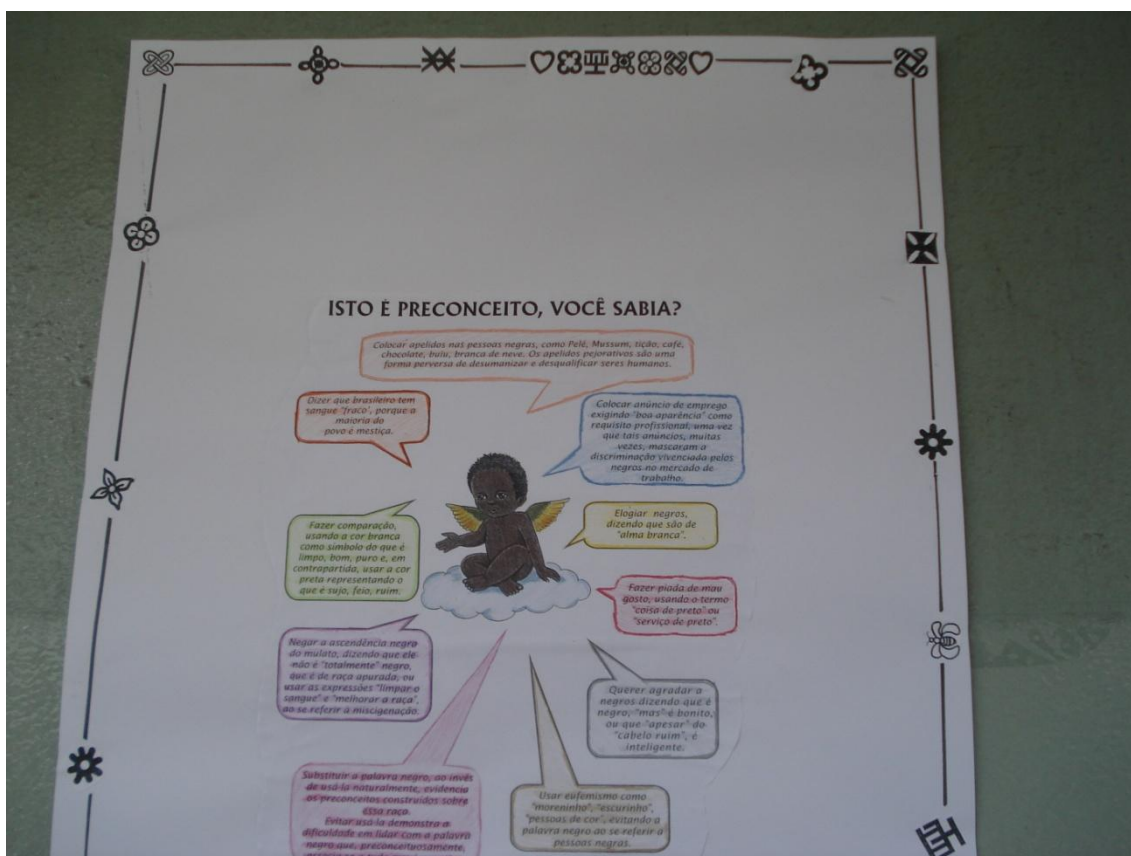
Fonte: Acervo pessoal

**FIGURA 4** – Painéis retratando temas relacionados ao Continente Africano



Fonte: Acervo pessoal

FIGURA 5: Feira de Cultura: Cartaz “conscientização sobre o preconceito racial”



Fonte: Acervo pessoal

**FIGURA 6:** Feira de Cultura: exposição do acervo da Biblioteca



Fonte: Acervo Pessoal

## 6- Resultados

O diálogo com as turmas considerando a temática do preconceito racial e discriminação, especialmente no contexto escolar, possibilitou avaliar se de fato, eles percebiam ou não estas situações. Seguem os resultados das ações:

### 6.1 - Das respostas dadas ao questionário proposto

O questionário aplicado deu margem para iniciar a conversa. Foram formuladas 05 questões que abrangiam temas relacionados ao Continente Africano, a percepção de como vive o negro em nossa sociedade, o espaço escolar relacionado ao preconceito e racismo, avaliação da presença do negro nos livros didáticos, a classificação racial do aluno. Com calma responderam, discutindo uns com os outros, lembrando um ou outro caso dentro da escola. Os questionários foram recolhidos e analisados pela professora, e em outro encontro foi proposto um debate para avaliação das respostas dadas. Algumas conclusões:

Ao serem questionados sobre o Continente Africano, alguns se referiram a ele como um país. Enfatizaram a questão da pobreza, fome, de animais exóticos, de muito sofrimento, que já sofreu com a escravidão e que é um continente de negros. Aqui ficou clara a visão eurocêntrica<sup>6</sup> transmitida a estes alunos desde as séries iniciais. Uma visão difícil de ser extirpada.

No questionamento feito sobre a percepção da discriminação em relação ao negro em nossa sociedade, cem por cento responderam que sim. Isso se dava, segundo eles, em diversos lugares: no trabalho, na escola, no dia-a-dia. *Por que dessa discriminação?* Muitos responderam que isso estava ligado à forma como se via o negro. Sempre como escravo, como pobre e sem cultura.

Foi perguntado ainda, se no cotidiano da escola observavam preconceito racial ou situações envolvendo racismo. A maioria responde que sim. Que são comuns xingamentos e apelidos como “Neguinho”, “chup-chup de petróleo”, “carvão”,

---

<sup>6</sup> Visão que coloca a Europa como centro, sendo seus valores e a sua cultura entendidos como mais importante do que outros. Assim, a Civilização Ocidental representaria o estágio mais avançado do desenvolvimento humano, especialmente considerando as civilizações grega e romana.

“favelado”. Alguns afirmam que isto acontece, entretanto é tudo brincadeira. Observa-se tudo isso, mas consideram estas atitudes normais. Em relação à situação de discriminação disseram que os alunos deficientes físicos são alvo constante de discriminação, preconceito e brincadeiras, como por exemplo, expor um aluno deficiente auditivo a situações vexatórias no período do recreio.

No item “autodeclaração”, a maioria dos alunos declarou-se parda. Alguns perguntaram: “Qual a minha cor professora”? “sou branca(o) ou morena(o)”?. Demonstrando aí o pouco que se tem conversado sobre este tema no espaço escolar. A discussão sobre o tema “raça” ainda é bastante complexo. O termo raça é utilizado há muito tempo para nomear indígenas, negros, brancos. Essa diferenciação aqui no Brasil é utilizada desde a chegada dos portugueses. Foi quase sempre utilizada no sentido da dominação política ou econômica, sempre enfocando que uma “raça” era “superior” a outras. Assim o elemento branco comporia o topo desta escala, enquanto o negro e o indígena estariam no outro extremo. Visão esta, compartilhada inclusive pela ciência que por “análises” várias chegou ao chamado “racismo científico”. Essa visão levou ao genocídio inúmeros negros, no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), onde o Nazismo, na Alemanha, com Adolf Hitler, fortalecia o mito de que a “raça” ariana deveria ser superior a outras. Recurso também utilizado pelo colonizador para a dominação dizendo que os africanos, por exemplo, eram como afirma Lopes (2007) “bárbaros e incivilizados e, assim os europeus não tinham obrigação de tratá-los como iguais, ou pelos menos, como seres humanos”. (LOPES, p.29, 2007).

Contudo, já há algum tempo algumas ciências como a Genética, tem esclarecido que não há raças no sentido biológico. Em termos de estrutura interna todos os seres humanos são iguais. O que muda é apenas o fenotípico, ou seja, o que é externo, as características físicas dos indivíduos. A variedade de cores branca, preta, amarela, parda estaria possivelmente ligada a questões climáticas, onde a grande incidência de sol ou não, teria dado origem à variedade de tons de pele existentes.

A partir dos anos 30, em vez de se utilizar o termo “raça” passou a se usar o termo “grupos étnicos”. Termo que vai além de “raça”, pois considera não a questão da cor, mas um grupo de pessoas com a mesma origem comum, a mesma cultura, ou seja, com características próprias. Hoje esse termo já está mais comum, e tem sido inclusive, incorporado por vários autores de livros didáticos. Segundo alguns intelectuais, o termo

etnia ajuda a sair do chamado determinismo biológico e da divisão em raças inferiores e superiores que tem favorecido em muito o racismo em nossa sociedade.

Apesar dos vários avanços, utilizamos muito ainda, no Brasil, o termo “raça” ou relações “raciais” carregado desse “passado” histórico, ou seja, cheio de preconceitos. Existe a chamada “raça inferior” e “raça superior” em razão da cor de sua pele, de seu pertencimento racial. Logo, quando a aluna pergunta se “sou preta ou morena”, ela sabe que ali ela poderá ser mais, ou menos discriminada. Se ela se afirma preta, sabe que a discriminação será bem maior. Quanto mais melanina, maior o preconceito. Se você é do tipo miscigenado, com cabelos lisos, você se aproxima do elemento branco, e o preconceito será menor. Embora não deixe de existir, uma vez que a supremacia “ariana” impera. Quando se utiliza apelidos pejorativos na escola, se atinge bem mais o preto do que o dito moreno. Gomes (2007) vai afirmar o seguinte:

(...) que, aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto de essas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. (...) nesse mesmo contexto não deixamos de cair na tentação de hierarquizar as classificações sociais, raciais, de gênero, entre outras (GOMES, p. 49, 2007).

Há muito que se falar sobre esse tema. Necessário trazer para o contexto da sala de aula, de nossa sociedade estas reflexões, afim de que possamos “nos orgulhar da marcante, significativa e respeitável ancestralidade africana no Brasil” ( GOMES, p. 49, 2007), recontando essa história, para se responder com todas as letras “ Sou Negro” (incluindo pretos e pardos) na autodeclaração.

## **6.2 Inserção do negro na mídia**

Ao se observar em algumas revistas a inserção do negro na mídia, os alunos ficaram surpresos ao perceber que o negro aparece muito pouco e que em algumas revistas sequer aparecem. Perceberam, inclusive, que quando a figura do negro aparecia estava associada à pobreza, a profissões pouco valorizadas, a algum tipo de violência ou em algumas propagandas do Governo. E em algumas revistas não havia uma única referência aos negros. Contudo, viram publicações como a da revista Raça, que busca valorizar este grupo étnico e a discussão ganhou, então, outro aspecto uma vez que



foi possível perceber que o negro tem se posicionado, tem estudado mais. Um aluno lembra o Sistema de Cotas ( “*Outro dia vi na televisão*”), que tem favorecido a entrada do negro nas universidades. Inclusive, alguns destes alunos têm colegas negros que já estão na universidade. Os alunos sabiam da discriminação em relação ao negro, mas muito pouco havia se discutido sobre isso.

Sobre a inserção do negro na televisão ou cinema, uma das alunas ( negra) disse que realmente, os papéis para atores principais são sempre destinados a pessoas brancas, normalmente com cabelos lisos e olhos claros. Até brincou dizendo que não tinha um “*neguinho lindo*” nas telas para ser seu modelo e nem nos romances que lia.

Ao se discutir o porquê das ocorrências racistas na escola, a maior parte dos alunos disse que o faz considerando o fato “brincadeira” e que a pessoa ofendida também acha engraçado. “Mas por que os alunos negros são mais depreciados que os alunos brancos?” Após essa pergunta, um silêncio se fez até que um dos alunos diz “*Ah! É porque ele é feio*”! E outro diz: “ *Porque é preto, ora*”! E a turma ri desta fala.

A partir daí, discutiu-se a forma como o negro é visto em nossa sociedade. Falou-se sobre os estereótipos. Utilizando a definição de Nei Lopes (2007) para esse termo: “É uma espécie de fotografia que nossa imaginação faz. É uma ideia preconceituosa, uma suposição, que se cria de um grupo de pessoas, a partir do comportamento de um ou mais indivíduos daquele grupo” (p. 14). Discutimos que por muito tempo temos visto o negro como escravo, ou nas diversas mídias como marginal, como reles serviçal. Isso vai criando em nossa mente a ideia de que o negro é feio, pobre, marginal.

### **6.3 O Mito da Democracia Racial**

Visões errôneas e mentirosas muitas vezes alimentadas por uma sociedade que diz viver em uma chamada democracia racial, onde se tem a visão de que no Brasil não existe racismo ou discriminação racial. Como afirma Nei Lopes (2007), a democracia racial brasileira é “mentirosa e demagógica”, pois não considera que o ser negro no Brasil, impede a “mobilidade social, econômica e política”( p. 152). O estereótipo, como diz esse autor, traz uma visão falsa dessa situação.

Gomes ( 2007) reforça também que isso de ver o negro como inferior devido à sua aparência deve-se ao fato de vivermos em um país racista, onde vigora uma falsa democracia racial, em que a cor da pele vai determinar seu posicionamento social. Destaca ainda que:

O mito da democracia social pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e tratamento. (GOMES, p.57 2007)

Esse estereótipo de que negros e brancos, convivem no Brasil de forma harmoniosa, fortalecido por Gilberto Freyre em seu livro Casa-Grande e Senzala, escrito em 1933, deve ser combatido, não só pelo chamado Movimento Negro, mas por todos que se posicionam contra o racismo. E Como diz Nilma Lino Gomes:

A escola tem um papel importante a cumprir nesse debate. Os (as) professores(as) não devem silenciar diante dos preconceitos e discriminações raciais. Antes, devem cumprir o seu papel de educadores(as), construindo práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano da sala de aula. (GOMES, 2007, p.60)

#### **6.4 Conhecer para valorizar**

A valorização dos negros, o conhecimento do Continente Africano ( buscando outra forma de explicá-lo que não seja o eurocêntrico), sua riqueza, cultura e história foi uma das estratégias para se tentar superar o preconceito racial na escola. Também com esse propósito foi pensada a feira de cultura afro, onde foi necessário estudar um pouco mais a cultura, riqueza, história, modo de viver, e de ser desse grupo étnico. Nessa etapa foi possível perceber certo “horror” às religiões e máscaras africanas por parte de professores e alunos. Também se observou a dificuldade de os alunos se assumirem negros quando foi proposto o desfile de beleza negra. Poucos foram os alunos que se ofereceram para participar. O contrário se deu em relação à dança afro, onde vários alunos e alunas se candidataram para ensaiar.

Para exposição na feira de cultura, foram feitos pelos alunos vários porta-retratos com pessoas negras, famosas no cenário mundial nas áreas de saúde, educação, ciências e artes, acompanhados de suas respectivas biografias. Foi também confeccionado um

banner com essa temática, com o propósito de desmistificar este lugar pouco valorizado em que colocam o negro, como é visto em revistas comuns na mídia.

**FIGURA 7:** Feira de Cultura: Porta- Retrato personalidades negras



Fonte: Acervo Pessoal

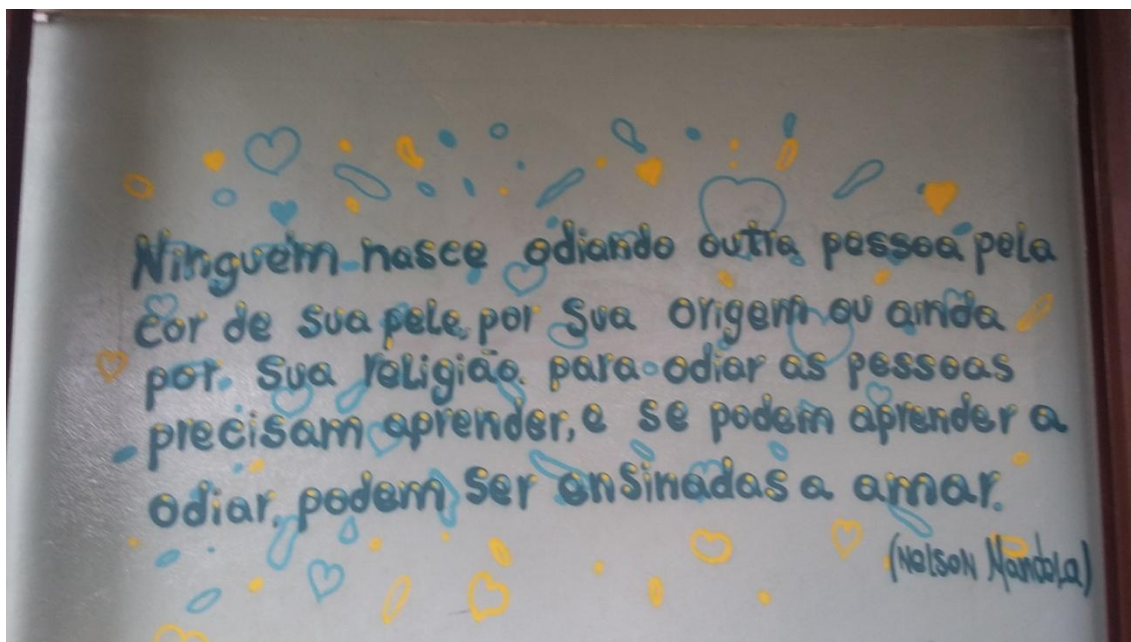
### 6.5 Discussão a partir dos painéis pintados pela escola

Outro ponto interessante desse Plano de Ação foi quando os alunos foram convidados a discutir sobre alguns painéis pintados na escola, abordando o respeito às diferenças. Era necessário que pudessem considerar também, além das figuras, as seguintes frases constantes nos painéis:

**“Tenho direito de ser igual quando a diferença me inferioriza. Tenho também o direito de ser diferente quando a igualdade me descaracteriza.”**( Boaventura de Souza Santos).

**“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinados a amar.”** ( Nelson Mandela).

**FIGURA 9:** Painel com frase de Nelson Mandela



Fonte: Acervo Pessoal

**FIGURA 10:** Pannel enfatizando a diversidade com frase de Boaventura Souza Santos.



Fonte: Acervo pessoal

Nas discussões falaram da questão do direito de ser o que são. E que devem ser respeitados assim, seja branco, seja negro. Que o preconceito racial os inferioriza e a Lei diz que racismo é crime e aí tem se o direito de ser igual. E isso de querer tratar os negros da mesma forma que os brancos não está certo, uma vez que ao longo de séculos os negros foram muito desrespeitados. Retomaram a questão das cotas raciais e a necessidade de fazê-las valer. Um aluno escreveu: *” Tenho direito de ser igual a todos. Tenho direito de ter os mesmos direitos e oportunidades. Tenho direito de ser diferente, escolhendo meu sexo, meus costumes e minha religião ”.*

Na frase de Mandela destacaram a necessidade de se acabar com o racismo na sociedade brasileira, respeitando cada pessoa como ela é. E isso deve ser ensinado desde cedo às crianças. Um aluno afirma: *“Há ainda muitas crianças racistas, fessora”!* Outra aluna ressalta: o racismo *“pode fazer muito mal a uma pessoa, causando depressão e prejudicando-a”.* Interessante notar, que vários alunos citaram a depressão como uma das consequências do racismo. A fala de outra aluna leva a entender que ela começa a questionar melhor situações que envolvem racismo:

*O racismo se manifesta através de xingamentos, de exclusão de pessoas com a pele escura, de achar que, porque a pessoa é negra ela pode ser associada a um animal, que ela não é um ser humano e várias outras formas, (ainda) como apelidos maldosos e isso pode trazer grandes danos à vítima. (...) e pode até fazer a pessoa pensar que tudo que falam sobre ela é verdade.*

Sobre o que foi dito pelos alunos acima, é fato que o racismo gera sérios problemas à pessoa que o vivencia. O corpo passa a ser algo que se quer combater. É quando a criança negra, ainda pequena pergunta, se esfregando o corpo, ela ficará branca. O cabelo crespo é outro atributo que se quer eliminar, através de sucessivos processos químicos. O sujeito negro vitimizado pelo racismo quer destruir tudo o que se relaciona à sua cor. Souza( 1983) afirma:

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro. (SOUZA, 1983, p. 6-7).

Comentando, ainda, a fala da aluna ao dizer que “... e pode até fazer a pessoa pensar que tudo que falam sobre ela é verdade,” Fazzi (2004) vai dizer o seguinte:

(...) a espontaneidade com que essa criança comenta a sua própria posição negativamente privilegiada indica um processo de naturalização de sentimentos e ideias sociais a respeito do *nego preto* e um processo de assimilação da imagem produzida pelo estereótipo. (FAZZI, 2004, p. 141)

Ou seja, o “nego preto” é assimilado com toda a sua negatividade. Muitas vezes o aluno envolvido nas “brincadeiras” com apelidos pejorativos já se vê assim, como os colegas o chamam. E o dizer que é apenas uma brincadeira, não o deixa demonstrar, de fato, o sentimento de ser desde sempre, vítima de preconceito racial. A ferida não é evidenciada em um primeiro momento.

## 7- Análise e discussão dos resultados

Ao final da implementação do plano de ação, ao avaliar, ouvir, ler, dialogar com os alunos tornou-se possível fazer uma análise dos resultados.

Como professora foi muito útil as aulas no curso de formação do LASEB, pois foi necessário rever e sobretudo, mudar práticas e posturas em sala de aula. Trabalhar mais em grupos, dialogar e conhecer as percepções de mundo dos alunos. Utilizar outros recursos que não o livro didático, que muitas vezes traz uma visão fragmentada do conhecimento, buscar outras formas de trabalhar determinados temas com o uso de livros paradidáticos, filmes e documentários e com aulas mais práticas tornaram o trabalho mais prazeroso. Com os alunos não foi diferente. Sair de um modelo já conhecido os levou a certa euforia durante as aulas.

Na abordagem sobre o continente africano, foi interessante perceber visões bastante estereotipadas a respeito desse continente, visto ainda como um país, ou simplesmente um lugar com animais exóticos, com muita pobreza e fome. Estereótipos, muitas vezes reforçados pelo livro didático. As aulas expositivas e estudo de outras bibliografias auxiliaram nesta desmistificação.

A discussão sobre o preconceito racial com estas turmas permitiu esclarecer sobre o que chamavam de "brincadeira" ou algo "normal" não o era, pois aí estava embutida toda uma forma de desmerecer o sujeito negro, reforçando o racismo no contexto escolar. Ao se utilizar imagens ou falas negativas para a fim de se fazer referência ao negro, como "macaco", por exemplo, fere a autoestima destes jovens, que como afirmou uma aluna, pode até acreditar que realmente é isso, uma vez que a mídia também favorece em vários momentos, esta visão de inferioridade do negro. O negro é invisível na maioria das revistas publicadas bem como na televisão e cinema, e isso pode gerar, como afirma Jesus e Reis, "feridas tão profundas quanto a discriminação aberta, pois a ausência de conhecimento ou o reconhecimento inadequado de determinada identidade também pode acarretar traumas profundos nos indivíduos estigmatizados". (JESUS E REIS, 2014).

A dita democracia racial não ocorre no Brasil. Ocorreria se houvesse realmente acesso a bens e serviços, no campo político, econômico e social aos brancos e negros igualmente. Pedro Gonçalves (2002) citado em Santos (2007), afirma: "A população negra é francamente majoritária nos presídios e absolutamente minoritária nas

universidades”. (p. 29). Observa-se nitidamente através de dados, inclusive oficiais, que os negros recebem menos salários que os brancos e são os que compõem, dentro desta sociedade compartimentada em classes sociais, o degrau mais baixo.

Os alunos(as) negros(as) não têm do que se orgulhar. O modelo que aí esta é do tipo alto, louro, e de olhos azuis. Os anjos, até a pomba que representa paz é branca. O negro é visto, muitas vezes, como preguiçoso, feio, sem história, sem contribuições para esta História, para esta sociedade. O modelo eurocêntrico impera. Como desconstituir estes estigmas?

Além da formação/conscientização dos professores é necessário se pensar e implantar, de fato, a Lei 10639/ 2003, pois apesar de 12 anos da promulgação ainda é desconhecida para alguns professores, sujeitos esses, que tem papel fundamental nesta mudança das Diretrizes Curriculares.

O plano de ação permitiu ao longo de 3 meses discutir esses temas, resgatar aspectos positivos em relação a etnia negra, tornando-a visível para os estudantes.

Ao estudar temas para a realização da feira de cultura afro, percebeu-se o pouco conhecimento dos alunos em relação a essa cultura no que diz respeito, por exemplo, aos hábitos culinários e à religiosidade e é com surpresa que vários diziam “ *eu não sabia*”! “*É sério, professora*”!

Ao final do trabalho foi possível percebê-los mais críticos quanto à sua origem e postura na escola. Mais seguros que no início do trabalho, e mais felizes.

É lógico que não é possível, nesse tempo exíguo, reeducar as relações étnico-raciais de maneira a torná-las mais justas. Contudo, é necessário, ao menos, começar. Combater os estereótipos, a discriminação racial, sexual, valorizar a diversidade na escola, já será um grande passo.

Entretanto, já é possível perceber na escola, por exemplo, uma maior valorização do cabelo crespo. As meninas têm assumido seus cachos, deixando de buscar os processos químicos para alisá-los.

Pensar e repensar estas questões possibilitou ganhos para minha prática pedagógica, mas sobretudo, ganhos como ser humano, como pessoa. Como professora negra, já passei por inúmeras situações de preconceito racial que me deixaram feridas difíceis de cicatrizar. Em vários momentos de discussão com os alunos em sala de aula e nas aulas proferidas pelo LASEB me deu vontade imensa de chorar a dor do preconceito. Pois junto com meus alunos, eu também estava crescendo no estudo e valorização das relações étnico-raciais. Hoje estou bem feliz assumindo meus cabelos já sem química(



eu os alisava desde os 12 anos de idade) e isso tem para mim um significado político, pois me ajuda, entre outros aspectos a posicionar-me melhor a respeito de minha identidade. Feliz também por inserir neste ano em meus planejamentos de aula, projeto para trabalhar nos dois turnos de trabalho a Lei 10639/2003. Um desses projetos faz parte do PMA<sup>7</sup>. Nesse projeto tratarei da diversidade existente na escola, abordando questões relativas ao gênero, preconceito, discriminação e racismo. E ainda, outro projeto (já selecionado), para que os alunos possam participar do Circuito Território Negro - iniciativa da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte - onde se farão várias excursões com os alunos com o propósito de propiciar o intercâmbio da escola com espaços museológicos da cidade, favorecendo apropriação de conhecimentos acerca das culturas africana e afro-brasileira.

---

<sup>7</sup> PMA - Plano de Melhoria da Aprendizagem, implantado pela Secretaria Municipal de Educação- Portaria SMED nº 317/2014.

## 8- Conclusão

Esse trabalho em muito contribuiu para a reflexão de minha prática cotidiana, não só no espaço escolar onde atuo, mas também e especialmente, na minha forma de ver o mundo e constatar que se tem muito a fazer no quesito respeito à diversidade. Ainda convivemos com aquilo de se negar a diferença. Na verdade ainda exaltamos o “somos todos iguais”. “Todos temos os mesmos direitos”. “Somos todos filhos de Deus”. Nós somos diferentes e nem sempre somos sujeitos dos mesmos direitos.

Existe ainda, na sociedade brasileira (e no mundo todo) muita discriminação e preconceito racial. Existe um “modelo” a ser seguido e se fugimos a ele, somos massacrados por uma sociedade machista, racista e preconceituosa.

O negro, o deficiente, o homossexual, o idoso, a mulher, a criança são aqueles que, muitas vezes são ou estão esquecidos em nossa sociedade e para se firmarem como sujeitos de direitos precisam, como o ditado popular, “matar um leão por dia”.

Os movimentos sociais têm em muito contribuído para se tentar, ao menos, reverter este quadro. As políticas de ações afirmativas constituem resultado desses movimentos. Buscam construir igualdade de oportunidades propondo debates a respeito do racismo, do preconceito e ainda reparar situações de sofrimento de anos a fio. Um sentimento de indignação, especialmente, ao ouvir relatos dos alunos sobre o preconceito de todo dia, que muitas vezes eles próprios não se dão conta. Indignação de não concordar com situações de preconceito e discriminação evidentes em nosso meio. Talvez a indignação seja o primeiro passo para se lutar por mudanças. Muito precisa ser feito.

É possível também, melhor compreender e respeitar a diversidade existente no contexto escolar. É um espaço rico em vivências, histórias, dores, alegrias e aprendizado. Espero ajudar aos meus alunos a vivenciar a diversidade tendo como princípio o respeito e a compreensão de que aprendemos e muito com a diversidade e que ser diferente é bom! Não tem que ser “todos iguais”. É tarefa árdua trabalhar isto em nossa sociedade. Contudo é tarefa possível!

Muitos são os desafios para se trabalhar a diversidade étnica como princípio educativo. Pode-se citar, por exemplo, a dificuldade da implantação da Lei 10.639/2003 na escola, ou a falta de vontade dos docentes em “sair de seu lugar” para participar das discussões e coragem para propor mudanças, ou ainda, o confronto pessoal, no sentido de pensar/repensar os próprios valores, enfim.

Várias colaborações podem surgir ao se enfrentar esses desafios. Uma delas é permitir que, tendo alunos mais autônomos, e confiantes em relação a seu lugar no espaço, que se respeitem e sejam respeitados se conseguirá uma escola com maior produtividade e o aprendizado se fará de forma mais efetiva. Outra colaboração será a de promover discussões diversas em relação a tema tão complexo que é a questão do racismo e preconceito existente no cotidiano escolar e de maneira mais ampla, na sociedade brasileira.

Por fim, gostaria de compartilhar trecho de um texto que li em um momento de tristeza, onde buscava avaliar a discriminação e o racismo sofrido ao longo de minha vida. Estas palavras muito me ajudaram naquele momento.

“Em vista disso, concluímos que aceitação não é adaptar-se a um modo conformista e triste de como tudo vem acontecendo, nem suportar e permitir qualquer tipo de desrespeito ou abuso à nossa pessoa; antes, é ter a habilidade necessária para admitir realidades, avaliar acontecimentos e promover mudanças, solucionando assim os conflitos existenciais. E sempre caminhar com autonomia para poder atingir os objetivos pretendidos”(NETO, p. 135, 2007).

## 9- Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Cristina; CARVALHO, Rosa Margarida de. **Alfabeto Negro: a valorização do povo negro no cotidiano da vida escolar**. Belo Horizonte: Mazza, 2001 .

BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. **A África está em nós: História e cultura Afro-Brasileira**, livros 1, 2,3 e 4. João Pessoa, PB: Ed.Grafset 2004.

BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, I.( Org) **Branqueamento e Branquitude no Brasil** In Psicologia social do racismo- estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil), Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

CARVALHO, Marília Pinto de. **Gênero, raça e avaliação escolar: um estudo com alfabetizadoras**. *Cadernos de Pesquisa*, dez 2009, vol.39, n.138, p.837-66

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e o preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FELINTO, Renata (Org) **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula – saberes para professores, fazeres para alunos**. Belo Horizonte. 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**, In: Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10639/2003. Brasília: MEC/BIO/ UNESCO, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz - corpo e cabelo como símbolos da identidade negra** - 2a edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. v. 01. 373p.

JESUS, Rodrigo Ednilson de ; REIS, J. B. . **Juventude e Diversidade Étnico-Racial**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. “**Ponha-se em seu lugar**” – **Juventude, Relações Raciais e Ações afirmativas**. In: Pensar BH/ Política Social, p. 15-18, 01 maio 2009.

[HTTPS://www. Geledes.org.br/](https://www.geledes.org.br/) Acesso em abril de 2015

[HTTPS ://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/UNESCO](https://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/UNESCO) Acesso em abril de 2015

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de história e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília.2005.

NETO, Francisco do Espírito Santo. **Renovando atitudes**. 2007.

SANTOS, Renato Emerson (Org). **Diversidade, espaço e relações sociais: o negro na Geografia do Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

